

METODOLOGIAS DE ENSINO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM DISLEXIA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Karina de Morais Bello¹
Vanessa Alves Ribeiro²

RESUMO

Dislexia é um distúrbio neuropsicológico hereditário ou genético caracterizado pela dificuldade de aprendizagem quanto à associação de sinais gráficos ao som e assimilação do mesmo. O objetivo deste estudo consiste em descrever a dislexia e suas manifestações, fazer uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e algumas das principais metodologias de ensino utilizadas no processo de ensino aprendizagem de alunos com dislexia no ensino fundamental I. A instituição escolar como um todo deve estar atenta e preparada para atender o aluno diagnosticado de forma adequada a suas necessidades, possibilitando-lhe condições ao seu ensino sem exclusão. Muitos estudos apontam alternativas metodológicas apoiadas ao método fônico e multissensorial por sua eficácia no processo de ensino aprendizagem na alfabetização de crianças disléxicas. Não existem metodologias específicas para alunos disléxicos (considerando a subjetividade de cada um), o que se busca são alternativas de ensino que venham a promover e auxiliar o desenvolvimento deste aluno e possibilitando ao educador novas possibilidades para trabalhar de forma igualitária com seus alunos.

Palavras Chaves: Dislexia, metodologia, aprendizagem, prática pedagógica

ABSTRACT

La dislexia es un trastorno neuropsicológico hereditaria o genética que se caracteriza por la dificultad para el aprendizaje como la asociación de signos gráficos en el sonido y la asimilación de la misma. El objetivo de este estudio es describir la dislexia y sus manifestaciones, para reflexionar sobre las prácticas de enseñanza y algunos de los principales métodos de enseñanza utilizados en el proceso de enseñanza aprendizaje de los estudiantes con dislexia en la escuela primaria I. La escuela en su conjunto debe estar alerta y preparado para cumplir el estudiante diagnosticado adecuadamente a sus necesidades, lo que le permite condiciones para su educación sin exclusión. Muchos estudios, muestran alternativas metodológicas aplicadas al método fónico y multisensorial para su eficacia en el proceso de enseñanza y aprendizaje en los niños disléxicos alfabetización. No existen metodologías específicas para estudiantes con dislexia (teniendo en cuenta la subjetividad de cada uno), que buscan la educación alternativa que promover y ayudar al desarrollo de los estudiantes y educadores crear nuevas posibilidades para trabajar con sus alumnos por igual.

Palabras Clave: La dislexia, la metodología, el aprendizaje, la enseñanza de la práctica

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma reflexão sobre as metodologias de ensino utilizadas no processo de ensino aprendizagem de alunos com dislexia no ensino fundamental I. O objetivo do trabalho é analisar métodos e práticas pedagógicas utilizada com alunos disléxicos. A dislexia é um distúrbio na fala e leitura do indivíduo, que por consequência prejudica a escrita e a comunicação daquele que a possui.

¹ Graduanda do curso de pedagogia – **Faculdade Multivix** - Cariacica/ES

² Graduanda do curso de pedagogia – **Faculdade Multivix** - Cariacica/ES

Justifica-se a escolha do tema pesquisado, uma vez que observa-se a pouca relevância que é dada na estruturação dos cursos de licenciatura a um problema bastante comum nas escolas públicas e privadas, e a importância para a educação principalmente na inclusão escolar, na preparação de professores e membros da equipe escolar para lidar com os alunos disléxicos.

Com base no exposto, surgem alguns questionamentos: “qual o papel da escola no amparo ao aluno disléxico?”, “de que forma o professor trabalha com os alunos diagnosticados com dislexia?”, “quais os principais recursos e metodologia são usados para o desenvolvimento da aprendizagem do estudante sem que haja exclusão?”

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se uma metodologia bibliográfica com leitura de livros, revistas e artigos de autores que tratam do tema. De acordo com Santos (2004) “a bibliografia é o conjunto de materiais escritos (gráfica ou eletronicamente) a respeito de um assunto que constitui-se numa preciosa fonte de informações, com dados já organizados e analisados como informações e ideias prontas.” (p.27/28) Com base na análise e reflexão das leituras, propõe-se responder os questionamentos expostos acima em relação aos métodos de ensino trabalhados com alunos sem distúrbio e com aqueles já diagnosticados dentro do mesmo ambiente escolar, sem que haja prejuízos ao docente e principalmente aos discentes.

CONTEXTUALIZANDO A DISLEXIA: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E SINTOMAS

A dislexia é a dificuldade em ler e compreender a escrita; apresenta-se como uma dificuldade na leitura e automaticamente na fala do indivíduo. Caracterizando melhor seu significado seria dizermos também que este distúrbio, é compreendido como uma desordem na leitura oral que vem a prejudicar a escrita. Especificando ainda mais seu significado, podemos dizer que o disléxico não associa os sinais gráficos e/ou letras ao som que cada um representa; a dislexia é o distúrbio da linguagem oral e escrita. Whitaker e Pinto (2004, p. 19-56) apud Fernandes e Penna (2008, p. 30) caracterizam a dislexia como uma “disfunção da palavra, manifestando-se na leitura e/ou na escrita.”

Mattani (1987) apud Drouet (1997 p. 154/155) expõe a dislexia como um “sério problema mal resolvido”. O autor menciona a fonoaudióloga Lúcia Werner quando diz que “a dislexia é uma incapacidade apresentada pela criança. O restante é um distúrbio apresentado na apreensão da linguagem escrita”. No mesmo artigo Mattani (1987) elucida sobre os prováveis sintomas da dislexia e aponta como alguns dos principais e mais frequentes; a orientação espacial difusa, dificuldade na leitura e escrita, atraso na maturidade neurológica do indivíduo, dificuldade na diferenciação dos dedos, perturbação neurológica, problemas de memória (esquecimentos), ansiedade e indefinida dominância de lateralidade principalmente no uso das mãos. Embora façam-se diversos apontamentos sobre os principais sintomas, “[...] qualquer profissional que trabalhe com crianças disléxicas sabe que essa ideia de homogeneidade não pode ser mantida” (Nunes, Buarque e Bryant (2007 p. 48), cada criança, apresenta sintomas diversos, não há uma estabilidade. O transtorno geralmente se manifesta de forma hereditária ou adquirida, afetando a aprendizagem da leitura, segundo Drouet (1997 p. 137).

Esses impedimentos demonstram-se de forma acentuada na infância, principalmente nos primeiros anos da criança quando ela começa a ter contato direto com letras, palavras, símbolos gráficos, frases, textos e no convívio. Os sinais deste distúrbio na escrita e fala podem começar a ser observado já na educação infantil, porém, a compreensão e diagnóstico da dislexia se demonstra mais eficaz nos primeiros anos do ensino fundamental I e/ou na fase da alfabetização.

Alguns sintomas freqüentes já se demonstram na primeira infância; através da dificuldade na fala, entender e compreender o que ouve, além de sintomas fisiológicos, como alergias e infecções, e outras mais, como difícil adaptação a lugares e/ou pessoas e possível hipo ou hiper atividade.

Drouet (1997) quando refere-se a dificuldade de aprendizagem da leitura pelas crianças disléxicas, aponta alguns erros na leitura e na escrita do aluno que são cometidos frequentemente por indivíduos com dislexia como; confusão de letras, sílabas ou até mesmo palavras que possuem poucas diferenças de grafia (por exemplo, letra a/o) e ainda para aquelas com grafia semelhante, porém com orientação espacial diferente (b/d). A confusão ocorre também com letras que possuem sons parecidos (d/t), na inversão das letras de uma sílaba (me/em), substituir palavras com leitura e estruturação semelhante (mente/sente), além da contaminação de alguns sons (latido/palito), adicionar ou retirar sílabas de palavras quando sua transcrição (armário/arma), ato repetitivo de sílabas em uma palavras ou repetição da mesma palavra (cacama), confusão na leitura por linhas (perder-se na leitura; voltar linhas ou pulá-las), acompanhar com os dedos aonde se lê. Quando o aluno lê, geralmente faz a leitura de textos palavra por palavra e ainda sente dificuldade na compreensão de textos, pode ocorrer a grafia no sentido inverso ao normal (escrita em espelho), além de possuir letra ilegível e dificuldade para ler silenciosamente, geralmente o aluno disléxico murmura ou move os lábios durante a possível leitura.

Quando a criança está inserida em ambiente escolar e possui algum destes sintomas, sente uma grande tensão ao ver os demais alunos desenvolvendo suas capacidades de leitura, escrita e fala, e ainda em alguns casos, o preconceito e a chacota de alguns colegas, faz desde indivíduo alvo de sua dificuldade, não obtendo assim prazer e satisfação em ler e escrever.

O PAPEL DA ESCOLA E DO DOCENTE E O AMPARO LEGAL AO ALUNO DISLÉXICO

Se faz imprescindível mencionar o papel do professor ao abriremos dialogo sobre a dislexia. O professor tanto antes do diagnóstico, como após, possui papel importante na vida do indivíduo disléxico. Assim como mencionado anteriormente, este distúrbio apresenta-se de maneira mais acentuada nos primeiros anos da educação escolar da criança, ou seja, na maioria das vezes o docente tem como tarefa observar o desenvolvimento de seu aluno, observando os sintomas para compreender se este apresenta dificuldade ao que é ensinado devido à falta de atenção ou falta de interesse ou se seu embaraço é desencadeado por algo além do que é ensinado em sala.

Muitos alunos com dislexia, antes mesmo de seu diagnóstico, são taxados como “preguiçosos” pela escola, professores e até mesmo pelos pais em determinados casos. Neste momento, o educador ocupa papel primordial na vida do aluno. O docente precisa ter preparo e discernimento de seu papel para agir de forma adequada acionando família e escola quanto ao possível diagnóstico sobre as dificuldades do aluno, buscando assim formas de colaborar com o desenvolvimento não apenas social da criança, como também para uma compreensão de si mesmo.

O reconhecimento da palavra é fundamental para uma boa leitura. Isso demanda domínio dos elementos fonéticos e estruturais das palavras, silabação e aquisição de um amplo vocabulário visual. Diante disso, é fundamental o preparo e a atualização dos conhecimentos por parte dos professores. Se o professor estiver desatualizado ou, pior, se não tiver conhecimento de causa, dificilmente auxiliará a suprir as

necessidades apresentadas pelas crianças que têm distúrbio de leitura. (BARBOSA ,2014, p. 15)

O docente precisa ter preparo e estar frequentemente atualizado para auxiliar seu aluno tanto antes quanto após o diagnóstico.

Atualmente o aluno disléxico encontra-se amparado legalmente quanto aos seus direitos educacionais. A RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001, que institui direitos ao indivíduo com dificuldades especiais trata:

Art. 5º Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem:

I - **dificuldades acentuadas de aprendizagem (grifo nosso)** ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

- a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;
- b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;

III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

A criança disléxica possui direitos ao atendimento educacional especializado culminado ao ensino regular da série a qual se enquadra. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), na forma da **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, TÍTULO III, Art. 4º assegura o atendimento aos indivíduos que necessitam de atendimento especializado:**

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino.

A criança disléxica deve ter seu desenvolvimento acompanhado por profissionais especializados (psicopedagogo, fonoaudiólogo, professores, psicólogo) tendo assim possibilidades de aprendizado de maneira a superar suas próprias dificuldades.

COMO TRATAR O ALUNO DIAGNOSTICADO?

Segundo Santos apud Fernandes e Penna (p.39, 2008) “a dislexia pode ser considerada uma síndrome pedagógica especial, um distúrbio de aprendizagem ou uma incapacidade específica de aprendizagem.” Desta maneira, o que busca-se, são técnicas, métodos ou estratégias eficazes que venham a contribuir com o desempenho e desenvolvimento de portadores da dislexia. As intervenções utilizadas devem ser avaliadas e pensadas de modo a beneficiar o progresso das capacidades da criança.

As intervenções cabíveis pelo docente devem estar associadas ao diagnóstico precoce do distúrbio, ou seja, quanto antes o transtorno for detectado na criança, melhores poderão ser as intervenções cabíveis. Desta forma, se faz tão importante o papel do professor na vida da criança, este precisa estar atento frequentemente ao

desenvolvimento do estudante, para que tão rapidamente a criança seja encaminhada ao psicopedagogo, psicólogo e a um fonoaudiólogo para que sejam realizados os procedimentos corretos para compreensão do que ocorre com o indivíduo.

Mattani (1987 apud Drouet 1997 p. 155) aponta a importância da intervenção precoce e de forma consciente ao aluno: “O disléxico deve ser incentivado, através de métodos especializados de alfabetização. Com a definição de seu distúrbio, a criança fica mais sossegada, pois não é mais chamada de preguiçosa, desatenta etc.”. Observamos assim, a importância na busca de métodos de ensino compatíveis às necessidades da criança para que o aluno disléxico possa se compreender, auxiliando seu aprendizado e melhor aplicação do trabalho do professor.

Quando nos referimos às intervenções a serem trabalhadas em crianças diagnosticadas com tal transtorno devemos levar em conta que cada indivíduo está inserido em um meio social diferenciado, que cada um possui uma história de vida diferente dos demais, com suas dificuldades e delimitações específicas. Deve-se considerar ainda que não existe apenas um tipo de dislexia, por isso menciona-se com tanta frequência o diagnóstico adequado da criança para que sejam tomadas as medidas cabíveis na instituição, e que o estudante seja inserido em sua sala com demais colegas de forma a não se sentir excluído, e contribuindo para o desenvolvimento social dos alunos, bem como descrito no inciso II, do art 8º da RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2011, que descreve o atendimento ao ensino regular aos alunos com dificuldades especiais, “II - distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais pelas várias classes do ano escolar em que forem classificados, de modo que essas classes comuns se beneficiem das diferenças e ampliem positivamente as experiências de todos os alunos, dentro do princípio de educar para a diversidade;”.

Drouet (1997 p.156), utiliza uma adaptação do artigo de Mattani (1987) intitulado “Dislexia – um sério problema mal resolvido” expondo algumas sugestões ao educando como auxílio em sua prática cotidiana trabalhando com alunos disléxicos:

- 1) Explique à criança seu problema.
- 2) Sente-se lado dela.
- 3) Não force o aluno a aceitar a lição do dia.
- 4) Não o pressione com o tempo, não estabeleça competição com os outros.
- 5) Seja flexível quanto aos conteúdos das lições
- 6) A criança pode tentar disfarçar seus erros, através da caligrafia ilegível.
- 7) Faça críticas construtivas.
- 8) Estimule o aluno a escrever em linhas alternadas, o que permite a leitura da caligrafia imprecisa.
- 9) Certifique-se de que a tarefa de casa foi entendida pela criança.
- 10) Peça aos pais que releiam com ela as instruções.
- 11) Evite anotar todos os erros na correção. Dê mais importância ao conteúdo.
- 12) Não corrija com lápis vermelho. Isso fere a suscetibilidade³ (grifo nosso) da criança com problemas de aprendizagem.
- 13) Procure descobrir os interesses da criança.
- 14) Procure leituras que interessem à criança.

(Adaptado de artigo de Ubiratam B. Mattani, em *Ciência*, ano I, nº 1, jan/fev. 1987, p.15.).

³ Suscetibilidade: 1 Disposição especial do organismo para acusar influências exercidas sobre ele ou para adquirir doenças. 2 Idiosincrasia. 3 Capacidade de receber impressões ou sensações. 4 de despeito ou de mágoa na pessoa que se julga ofendida pelo que outrem lhe diz.

Alguns aspectos que aparentemente apresentam-se de tão simples execução, pode ser para o dislético, muito difícil de realizar. A criança possui dificuldades (que podem variar) para além da dificuldade na aprendizagem:

O dislético tem dificuldades para lidar com o tempo. Seu ritmo para organizar-se, copiar e concluir suas atividades é mais lento que a média da classe. Tem dificuldades para lidar com o espaço, com a própria utilização de material didático, como régua, caderno e livro, ao mesmo tempo. Tem dificuldades com desenho geométrico, mapas, aplicação teórica de conceitos, linguagem subjetiva, simbólica, apresenta disgrafia – fora das pautas, das margens –, e disortografia – omissão ou acréscimo de letras. Enfim, tudo para o dislético é muito difícil. (FERNANDES E PENNA, p. 45, 2008).

É primordial conhecer os processos educacionais bem como os métodos de ensino, assim como a compreensão dos estágios de desenvolvimento da criança. A alfabetização não exige pressa; a criança precisa estar preparada e madura para o processo de alfabetização.

Prado e Allio (2012) ao nos orientar sobre os meios de intervenção mencionam em seu artigo dois métodos de ensino na alfabetização de crianças disléxicas, as quais podem e devem ser analisadas no ensino em sala:

Para compensar a dificuldade, as crianças se utilizam da linguagem oral e visual. Dessa forma, os métodos multissensoriais, indicados para crianças mais velhas que apresentam fracasso escolar e métodos fônicos e para crianças no início da alfabetização, privilegiam o uso de visão, audição e tato.

Fernandes e Penna (2008) acrescentam em seus estudos:

A intervenção na dislexia tem sido feita, principalmente, por meio de dois métodos de alfabetização: o multissensorial e o fônico. Enquanto o método multissensorial é mais indicado para crianças mais velhas; o fônico revela-se mais eficiente para as crianças menores. (p. 41).

A alfabetização e a instrução de crianças com dislexia demonstra-se ainda mais complexa do que para alunos com habilidades normais de leitura e escrita. Os métodos mencionados acima, são apontados como importantes aliados ao processo de ensino-aprendizagem de crianças disléxicas, isso não sugere dizer que são comprovados por sua valia ao ensino, afinal, se faz importante ressaltar o desenvolvimento de cada indivíduo, ou seja, cada criança aprende de uma forma diferente, o que significa dizer que, os métodos mencionados podem ser eficazes ou não, dependendo de cada indivíduo. O processo compreensivo sobre determinado conteúdo ou método será relativo a cada criança.

Os métodos multissensorial e fônico são destacados por apresentarem características em seu ensino que favoreçam ao estudante dislético. Deve-se ressaltar que cada estudante é subjetivo e que cada profissional de ensino utilizará em suas aulas a técnica que considerar conveniente a sua classe considerando as dificuldades e as necessidades da turma. Embora existam demais técnicas metodológicas utilizadas na alfabetização de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, deve-se considerar a necessidade do educando com dislexia e associá-las a sua estratégia de ensino.

Sebra e Dias (2011) apontam em seus estudos sobre a alfabetização de crianças disléxicas, o método fônico como grande aliado a prática pedagógica:

Além da superioridade do método fônico na alfabetização em contexto regular, diversas associações de dislexia em todo o mundo recomendam instruções fônicas para o ensino de indivíduos com dislexia. De fato, nas diretrizes da *British Dyslexia Association*³⁸ para o ensino de crianças disléxicas, é recomendada a inclusão de atividades do *método fônico*. (p. 314).

Os mesmos autores indicam ainda a importância do uso do método multissensorial culminado ao trabalho do docente:

Outro método também utilizado no trabalho com crianças com dislexia ou com dificuldades de leitura e escrita é o chamado *multissensorial*³⁹. Este procedimento busca combinar diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem escrita às crianças. (p. 314).

Uma criança disléxica apresenta dificuldade quanto a associação de sons e símbolos gráficos, assim compreendendo a dificuldade do aluno na associação de tais elementos. A metodologia fônica está alçada na alfabetização por etapas, partindo dos grafemas (letra) e fonemas (som) para formar sílabas, palavras, frases e textos.

Para Angélico, Souza e Henrique (2015), “O método consiste em atividades de associação entre fonemas e grafemas através de atividades lúdicas que leva a criança a aprender a codificar a fala em escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento.” (p. 193), ou seja, quando o aluno consegue associar o som das palavras ao seu significado, ele passa a compreender a correspondência entre sons e letras. “As pesquisas revelam que uma consciência fonológica mal desenvolvida é a principal dificuldade para um grande número de crianças que apresentam problemas para aprender a ler.” (ADAMS, 2006, p.23).

O método fônico possui ainda grande relevância na alfabetização de crianças disléxicas, pois leva o docente a tramar alternativas de trabalho lúdicas em sua prática, como no uso de rimas, por exemplo, como forma de explorar melhor a compreensão entre letras e sons. O trabalho do docente deve seguir orientações de espaçamento e ainda tamanho de letra como forma de colaborar para a melhor compreensão do que está sendo exposto. “Toda letra deverá ser apresentada nas formas maiúscula, minúscula, bastão e cursiva. As atividades devem ser planejadas de forma lúdica, de maneira que interesse e incentive a participação da criança.” (Prado e Allio, 2012). A consciência fonológica deve ser ensinada por etapas ao estudante disléxico, ou seja, de maneira sistemática. Para Capovilla (2003) apud Fernandes e Penna (2008, p. 44), primeiro deve-se ensinar as vogais, após as consoantes que possuem som único (f, j, m, n, v e z), as consoantes com mais de um som (l, s, r e x), seguidas das letras com pronúncias mais complexas (b, c, p, d, t, g e q), as consoantes menos utilizadas (k, w e y), os dígrafos (ch, nh, lh, rr, ss, gu e qu), seguidos de letras que possuem sons irregulares (e, g, r, s, l, m, ç e x) e finalmente os encontros consonantais, todos ensinados nesta sequência respectiva. Desta forma, a técnica fônica vem demonstrando resultados positivos de aplicação.

O método multissensorial se caracteriza pela codificação e decodificação de letras e palavras através da leitura visual da boca daquele que ensina e assim relacionando ao som do que está ouvindo, para após reproduzir as articulações e a sonoridade que lhe foi ensinada, reproduzindo assim fala da letra que esteja visualizando para então apresentá-la de forma que a composição das palavras tenham sentido na pronúncia das letras. Segundo Fernandes e Penna (2008, p. 43): “A soletração oral simultânea é a principal característica do método multissensorial, em que a criança vê a palavra, repete a pronúncia e escreve-a, dizendo o nome de cada letra. A vantagem desse

método é a conexão entre leitura e escrita.”

Para uso da metodologia multissensorial, o educando precisa estar atento ao ensino do som representativo da letra.

Este procedimento busca combinar diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem escrita às crianças. Assim, ele facilita a leitura e a escrita ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica da letra ou da palavra), aspectos auditivos (a forma fonológica), aspectos táteis e cinestésicos da grafia (os movimentos necessários para escrever letras e palavras) e aspectos cinestésicos da articulação (os movimentos e posições necessários para pronunciar sons e palavras). (SEBRA E DIAS, 2011, p. 314)

Desta forma, a ordenação multissensorial tem apresentando eficácia quanto a sua aplicação na alfabetização de alunos disléxicos, pois trabalha os diversos sentidos do indivíduo. A técnica une alguns aspectos descritos na metodologia fônica com a compreensão de cada letra, fazendo a leitura e sonorizando a mesma, traçando-o enquanto pronuncia e partir desta compreensão fazer a formação de sílabas, e palavras compondo assim frases e posteriormente textos. “Maria Montessori foi uma das precursoras do método multissensorial. Ela defendia a participação ativa da criança durante a aprendizagem.” (SEBRA E DIAS, 2011, p. 314/15).

O aluno disléxico precisa ser acompanhado durante seu processo de ensino-aprendizagem, podendo este ter segurança de si mesmo durante seu desenvolvimento escolar. Analisar as metodologias de ensino para o aprendizado destes alunos requer muito cuidado, bem como a forma de avaliá-lo; a criança precisa ter condições de realizar exames avaliativos como igual em sala. Métodos de aplicação de exame com prova escrita, com tempo determinado para realização exigindo raciocínio rápido dos alunos, não são indicadas aos alunos disléxicos. Fernandes e Penna (2008, p. 47) recomendam um sistema avaliativo envolvendo a oralidade da criança, como por exemplo, aplicação de provas e atividades orais, atividades e trabalhos práticos e lúdicos, tanto em sala como extraclasse. Além de oferecer condições semelhantes a todos, essas alternativas podem beneficiar o melhor convívio entre estudantes, buscando alternativas de socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se compreender a importância dos métodos de alfabetização para o ensino de estudantes disléxicos nos anos iniciais do ensino fundamental I, pois ambas as metodologias reforçam a consciência fonológica da criança.

“Não importa a teoria ou o método, o importante é que a criança aprenda.” (ANGÉLICO ET AL, 2015, p. 193). Desta forma, conclui-se que não existe método eficaz, metodologia ou prática própria a se trabalhar com alunos disléxicos em seu processo de ensino-aprendizagem, o que busca-se são alternativas e propostas pedagógicas que venham a beneficiar a aprendizagem do discente e traçando ideias a prática docente. A criança disléxica deve ser auxiliada em suas dificuldades sem diferenciá-la dos demais.

O professor, enquanto mediador de conhecimento precisa estar atento às necessidades do aluno e buscar possibilidades de aprendizado que favoreçam o desenvolvimento do estudante, buscando trabalhar de forma alternativa envolvendo a aluno disléxico como um todo na sala, sem distinção proveniente de sua dificuldade. O docente, juntamente com a escola, a família e equipe de atendimento educacional especializado (psicopedagogo, psicólogo, fonoaudiólogo) cumprem papel primordial na vida do disléxico.

A dislexia é um distúrbio que não impossibilita a criança de ler e escrever, mas apresenta-se como causadora de problemas na aprendizagem da leitura e escrita da criança; se o transtorno for detectado precocemente poderá ser minimizado e superado por meio de intervenções adequadas que beneficiem a instrução do indivíduo, possibilitando desenvolvimento integral da criança dentro de suas dificuldades. A instituição escolar deve estar atenta e preparada para atender o aluno disléxico, incluindo-o, cumprindo assim seu papel social, político e pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, M. J. et al. Consciência fonológica: em crianças pequenas. Porto Alegre: Artmed, 2006;
- ANGÉLICO, S. M. et al. Progresso ou retrocesso: uma reflexão sobre o construtivismo e o método fônico nos distúrbios de aprendizagem. **Revista SER – Saber, Educação e Reflexão**. v.2, n.2, Ago-Dez/2015
- BARBOSA, C.F.F. DISLEXIA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA.- Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira – PR. 2013
- BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 01 out. 2016.
- BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Disponível em : < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2016;
- DROULET, Ruth C. R – Distúrbios da aprendizagem. **Ática**. São Paulo, 4ª ed. 1997 ;
- FERNANDES, R. A.; PENNA, J. S. Contribuições da psicopedagogia na alfabetização dos disléxicos. **Revista Terceiro Setor**, v. 2, n. 1, 2008
- MATTANI. Ubiratam B. apud Drouet(1997) – **DISLEXIA – UM SÉRIO PROBLEMA MAL RESOLVIDO**. 1987. Disponível em: DROULET, Ruth C. R – Distúrbios da aprendizagem. **Ática**. São Paulo, 4ª ed. – 1997.
- NUNES, Terezinha; BUARQUE, Lair et al. Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática. Cortez. São Paulo, 6ª ed. – 2007;
- PRADO, Elisa & ALIOTO, Olavo Egídio – Estratégias na alfabetização de crianças disléxicas. São Paulo. Faculdade Método de São Paulo (FAMESP). 2012. Disponível em: < <http://faculadefamesp.com.br/novosite/wp-content/uploads/2011/12/artigo8.pdf> >. Acesso em: 16 mar. 2016.
- SANTOS, A. R. Metodologia científica: a construção do conhecimento. **DP&A editora**. Rio de Janeiro, 6ª ed. – 2004 ;
- SEBRA, Alessandra Gotuzo & DIAS, Natália Martins - Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, vol. 28, no. 87 p. 306-320, 2011.